

A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA QUINZENAL PARA PORTUGAL E BRAZIL

PARIS

ESCRITÓRIO, 6, rue Saint-Hippolyte
Avisos: 100

Anno 1884 12 francos

Subscrição 12 francos

Anno 1884 12 francos

No resto da Europa 12 francos por trimestre e 36 francos por anno.

1º Anno. — Volume I. — Numero 14.

PARIS 26 DE NOVEMBRO DE 1884

Director: M. de F. Pina

RIO DE JANEIRO

Gazeta de Notícias, 2º, R. de Ourique.

Assignaturas

ASSO. (C. 1884) 12.000

ASSO. (C. 1885) 12.000

ASSO. (C. 1886) 12.000

ASSO. (C. 1887) 12.000

ASSO. (C. 1888) 12.000

ASSO. (C. 1889) 12.000

ASSO. (C. 1890) 12.000

ASSO. (C. 1891) 12.000

ASSO. (C. 1892) 12.000

ASSO. (C. 1893) 12.000

ASSO. (C. 1894) 12.000

ASSO. (C. 1895) 12.000

ASSO. (C. 1896) 12.000

ASSO. (C. 1897) 12.000

ASSO. (C. 1898) 12.000

ASSO. (C. 1899) 12.000

ASSO. (C. 1900) 12.000

ASSO. (C. 1901) 12.000

ASSO. (C. 1902) 12.000

ASSO. (C. 1903) 12.000

ASSO. (C. 1904) 12.000

ASSO. (C. 1905) 12.000

ASSO. (C. 1906) 12.000

ASSO. (C. 1907) 12.000

ASSO. (C. 1908) 12.000

ASSO. (C. 1909) 12.000

ASSO. (C. 1910) 12.000

ASSO. (C. 1911) 12.000

ASSO. (C. 1912) 12.000

ASSO. (C. 1913) 12.000

ASSO. (C. 1914) 12.000

ASSO. (C. 1915) 12.000

ASSO. (C. 1916) 12.000

ASSO. (C. 1917) 12.000

ASSO. (C. 1918) 12.000

ASSO. (C. 1919) 12.000

ASSO. (C. 1920) 12.000

ASSO. (C. 1921) 12.000

ASSO. (C. 1922) 12.000

ASSO. (C. 1923) 12.000

ASSO. (C. 1924) 12.000

ASSO. (C. 1925) 12.000

ASSO. (C. 1926) 12.000

ASSO. (C. 1927) 12.000

ASSO. (C. 1928) 12.000

ASSO. (C. 1929) 12.000

ASSO. (C. 1930) 12.000

ASSO. (C. 1931) 12.000

ASSO. (C. 1932) 12.000

ASSO. (C. 1933) 12.000

ASSO. (C. 1934) 12.000

ASSO. (C. 1935) 12.000

ASSO. (C. 1936) 12.000

ASSO. (C. 1937) 12.000

ASSO. (C. 1938) 12.000

ASSO. (C. 1939) 12.000

ASSO. (C. 1940) 12.000

ASSO. (C. 1941) 12.000

ASSO. (C. 1942) 12.000

ASSO. (C. 1943) 12.000

ASSO. (C. 1944) 12.000

ASSO. (C. 1945) 12.000

ASSO. (C. 1946) 12.000

ASSO. (C. 1947) 12.000

ASSO. (C. 1948) 12.000

ASSO. (C. 1949) 12.000

ASSO. (C. 1950) 12.000

ASSO. (C. 1951) 12.000

ASSO. (C. 1952) 12.000

ASSO. (C. 1953) 12.000

ASSO. (C. 1954) 12.000

ASSO. (C. 1955) 12.000

ASSO. (C. 1956) 12.000

ASSO. (C. 1957) 12.000

ASSO. (C. 1958) 12.000

ASSO. (C. 1959) 12.000

ASSO. (C. 1960) 12.000

ASSO. (C. 1961) 12.000

ASSO. (C. 1962) 12.000

ASSO. (C. 1963) 12.000

ASSO. (C. 1964) 12.000

ASSO. (C. 1965) 12.000

ASSO. (C. 1966) 12.000

ASSO. (C. 1967) 12.000

ASSO. (C. 1968) 12.000

ASSO. (C. 1969) 12.000

ASSO. (C. 1970) 12.000

ASSO. (C. 1971) 12.000

ASSO. (C. 1972) 12.000

ASSO. (C. 1973) 12.000

ASSO. (C. 1974) 12.000

ASSO. (C. 1975) 12.000

ASSO. (C. 1976) 12.000

ASSO. (C. 1977) 12.000

ASSO. (C. 1978) 12.000

ASSO. (C. 1979) 12.000

ASSO. (C. 1980) 12.000

ASSO. (C. 1981) 12.000

ASSO. (C. 1982) 12.000

ASSO. (C. 1983) 12.000

ASSO. (C. 1984) 12.000

ASSO. (C. 1985) 12.000

ASSO. (C. 1986) 12.000

ASSO. (C. 1987) 12.000

ASSO. (C. 1988) 12.000

ASSO. (C. 1989) 12.000

ASSO. (C. 1990) 12.000

ASSO. (C. 1991) 12.000

ASSO. (C. 1992) 12.000

ASSO. (C. 1993) 12.000

ASSO. (C. 1994) 12.000

ASSO. (C. 1995) 12.000

ASSO. (C. 1996) 12.000

ASSO. (C. 1997) 12.000

ASSO. (C. 1998) 12.000

ASSO. (C. 1999) 12.000

ASSO. (C. 2000) 12.000

ASSO. (C. 2001) 12.000

ASSO. (C. 2002) 12.000

ASSO. (C. 2003) 12.000

ASSO. (C. 2004) 12.000

ASSO. (C. 2005) 12.000

ASSO. (C. 2006) 12.000

ASSO. (C. 2007) 12.000

ASSO. (C. 2008) 12.000

ASSO. (C. 2009) 12.000

ASSO. (C. 2010) 12.000

ASSO. (C. 2011) 12.000

ASSO. (C. 2012) 12.000

ASSO. (C. 2013) 12.000

ASSO. (C. 2014) 12.000

ASSO. (C. 2015) 12.000

ASSO. (C. 2016) 12.000

ASSO. (C. 2017) 12.000

ASSO. (C. 2018) 12.000

ASSO. (C. 2019) 12.000

ASSO. (C. 2020) 12.000

ASSO. (C. 2021) 12.000

ASSO. (C. 2022) 12.000

ASSO. (C. 2023) 12.000

ASSO. (C. 2024) 12.000

ASSO. (C. 2025) 12.000

ASSO. (C. 2026) 12.000

ASSO. (C. 2027) 12.000

ASSO. (C. 2028) 12.000

ASSO. (C. 2029) 12.000

ASSO. (C. 2030) 12.000

ASSO. (C. 2031) 12.000

ASSO. (C. 2032) 12.000

ASSO. (C. 2033) 12.000

ASSO. (C. 2034) 12.000

ASSO. (C. 2035) 12.000

ASSO. (C. 2036) 12.000

ASSO. (C. 2037) 12.000

ASSO. (C. 2038) 12.000

ASSO. (C. 2039) 12.000

ASSO. (C. 2040) 12.000

ASSO. (C. 2041) 12.000

ASSO. (C. 2042) 12.000

ASSO. (C. 2043) 12.000

ASSO. (C. 2044) 12.000

ASSO. (C. 2045) 12.000

ASSO. (C. 2046) 12.000

ASSO. (C. 2047) 12.000

ASSO. (C. 2048) 12.000

ASSO. (C. 2049) 12.000

ASSO. (C. 2050) 12.000

ASSO. (C. 2051) 12.000

ASSO. (C. 2052) 12.000

ASSO. (C. 2053) 12.000

ASSO. (C. 2054) 12.000

ASSO. (C. 2055) 12.000

ASSO. (C. 2056) 12.000

ASSO. (C. 2057) 12.000

ASSO. (C. 2058) 12.000

ASSO. (C. 2059) 12.000

ASSO. (C. 2060) 12.000

ASSO. (C. 2061) 12.000

ASSO. (C. 2062) 12.000

ASSO. (C. 2063) 12.000

ASSO. (C. 2064) 12.000

ASSO. (C. 2065) 12.000

ASSO. (C. 2066) 12.000

ASSO. (C. 2067) 12.000

ASSO. (C. 2068) 12.000

ASSO. (C. 2069) 12.000

ASSO. (C. 2070) 12.000

ASSO. (C. 2071) 12.000

ASSO. (C. 2072) 12.000

ASSO. (C. 2073) 12.000

ASSO. (C. 2074) 12.000

ASSO. (C. 2075) 12.000

ASSO. (C. 2076) 12.000

ASSO. (C. 2077) 12.000

ASSO. (C. 2078) 12.000

ASSO. (C. 2079) 12.000

ASSO. (C. 2080) 12.000

ASSO. (C. 2081) 12.000

ASSO. (C. 2082) 12.000

ASSO. (C. 2083) 12.000

ASSO. (C. 2084) 12.000

ASSO. (C. 2085) 12.000

ASSO. (C. 2086) 12.000

ASSO. (C. 2087) 12.000

ASSO. (C. 2088) 12.000

ASSO. (C. 2089) 12.000

ASSO. (C. 2090) 12.000

SUMMARIO

Texto: *Chronica*, por Mariano Pina. — *A mão e a consciência* (poesia), por Luiz Deltano. — *As nossas orações*: Antes do Inverno, O tumulto de Michelet, Eduardo de Lemos, Inundação em Moscou, Victor Hugo, Manuel de Sousa Carqueja, Lucrecia, Um avarento, — *Intimo* (poesia), por Violentim Magalhães. — *Victor Hugo*, por Theophilo Braga. — *Sua Excellencia o moleiro*, por Flávio d'Almeida. — *Passatempo*.

GRANDES: Paris pittoresco: Antes do inverno. — O tumulto de Michelet. — Eduardo de Lemos, gravura de Baudo. — Inundação em Moscou: Uma jagada. — Victor Hugo, quadro de Bonnat. — Manuel de Sousa Carqueja, gravura de Baudo. — ARTE ITALIANA: Lucrecia. — Um avarento, quadro de Adrien Marie.

CHRONICA

ENTRE varias cartas que o correio havia-me trazido encontra-se uma verdadeiramente singular, que eu não hesito um instante em dar á publicidade, fazendo d'ella o assumpto da minha chronica, e evitando apenas na transcrição as phrases de pura amabilidade feminina que a minha correspondente me faz a honra de dispensar.

Esta folha de papel, donde foi excluido o Rx.º sr. do costume, começa simplesmente assim:

— Habitada aos cumprimentos banaes e aos elogios mutuos que vejo por ahí trocarem-se todos os dias, em quasi todos os jornaes, agrade-me sobretudo a sua maneira justa e independente de fazer critica.

... e é por isso que em vez de escrever á directoria do collegio que ha pouco deixei me dirigir a V. pedindo-lhe para escolher os livros que devem formar a minha biblioteca.

Quantas collegias minhas condiscipulas e suas leitoras (tenho feito propaganda da leitura) se não acham neste momento na minha posição: a quererem formar o seu pequenino santuario de sciencia e a recusarem acanhadas, indecisas, sem saberem o que ha de pedir as litterarias, receiosas d'uma banalidade ou d'uma profanação!

Não queremos livros que facam de nós multos pedantes, não desejamos fazer ruido com nossa erudição, não ambicionamos dar na vista, não queremos, em summa, ser ridiculos. Desejamos todavia ter uma boa orientação moral, scientifica, litteraria e artistica que não nos deixe boquiabertos e gaguejar quando por acaso alguém se lembre dirigir-nos a palavra; queremos obras que mais tarde nos auxiliem nas luctas da existencia, na responsabilidade do ménage, na educação dos sobrinhos; n'uma palavra, desejamos livros que nos ensinem tudo que V. Ex.ª entende que uma mulher deve saber.

Quaes são pois os titulos d'esses livros? Convinha de que não só por gratidão e por dever, como tambem por uma natural galanteria V. não pode deixar de responder-nos, agradeço desde já, em nome de todas as minhas condiscipulas, o favor que vai prestar-nos.

Leiria 4 d'outubro.

Uma estudante.

V. Ex.ª depois de ter saído do collegio levaram-na decente ao theatro, collocando-a

ram-a entre duas bondosas e respeitaveis senhoras que aiada ha vinte annos consideravam os artistas como creaturas indignas de serem enterreadas em sagrado, — e vio necessariamente a *Estrangeira* de Dumas filho.

Dispensou toda a sua estimo e toda a sua compaixão de creança que vê uma outra creança soffrer, a pobre duquesa de Septimonts. E á noite, ao entrar no seu quarto, sem sentir talvez sobre as palpebras o tepido afago d'uns beijos maternaes — os únicos que nos dão coragem e confiança no futuro, os únicos que são bem sinceros e bem desinteressados! — tendo apenas por companhia dedicada a lampada que aillumiava, lembrou-se de que desejaria tambem, n'um momento difficil, encontrar um conselheiro fiel como o doutor que vio nascer a duquesa. — E escreveu-me aquella carta, que eu não mandei immediatamente ao doutor de Alexandre Dumas — porque o doutor não existe!

Minha senhora. É muita honra para mim! Para bem desempenhar o papel que me attribuiu falta-me a cabelleira branca, a sobre-casaca solemne, o grande botão da Legião d'Honra, ter sido na sociedade mais espedacador que actor, ter escripto 50 volumes, ter estudado em 5.000, ter feito ha quinze annos a minha entrada na Academia, e ser nos salões como um antigo confessor — jogando o écarté com as avós, ouvindo as queixas das esposas nervosas, merecendo a confiança dos maridos ciumentos, e consentindo que os novos lhe roubem o leão da ludia, lhe esvasiem a caixa de taratuga, e lhe escondam todas as noites o chapéo e a bengala de castão de ouro... o que diverte sobremaneira as senhoras e faz sorrir de bondade o bom do confessor!

Não, minha senhora, não posso encargar-me do papel que me distribue.

Recomendar a uma senhora um auctor que escreveu taes volumes, é mil vezes mais perigoso que apresentar-lhe um amigo, um noute, n'uma sala. Analysa-se o amigo, de alto a baixo; a casaca assenta-lhe bem; a sua curva, quando cumprimentado, é agradável; acza um brilhante n'um dedo que mostra naturalmente quando levanta o bigode, sem pretensão; a sua physionomia é de veras sympathica; a sua phrase é simples e elegante; de quando em quando, sem ser affectado, pronuncia correctamente uma palavra franceza, ingleza ou italiana que não tem equivalente; allude sem pose a uma ou outra viagem que fez; sabe fazer a corte a uma senhora, sem ser impertinente; e mesmo quando tenha conquistado sympathia ou atomos d'honor — o perigo diminui d'importancia: por que tudo se passa em publico, á vista de todos.

Mas apresentar e recomendar um auctor, a uma senhora nas condições de V. Ex.ª, é cousa mais grave, mais perigosa e mais delicada, que recomendar-lhe um amigo.

Os resultados da convivencia com um livropodem ser excellentes ou terriveis. Um livro não se escuta em publico, n'um salão, entre uma wals e um galop. Um livro só falla quando justamente findou o baile, quando todos partiram, quando todos em casa já dormem. E então que o livro faz a sua appareição, que o livro se escuta, que o livro aconselha, que o livro insinua. E en-

tão que S. Ex.ª deixa ouvir as suas phrases calculadinhas, estudadinhas, refundidas, sem vezes, phrases que na maioria dos casos são falsas, paradoxaes, porque o auctor attendeu mais á moda e á extravagancia, do que á verdade. De cada mil volumes que se compream, difficilmente se encontram cinco que sejam profundamente sinceros. Os que o são — são as obras-primas de todas as litteraturas.

Para uma senhora — não hesito em dizello — uma bibliotheca pode ser ás vezes mais perigosa que uma sala. O galanteador tem a grande desvantagem de perseguir em publico, na desordem d'uma contradança. Quando vai para dizer ao ouvido d'aquella que ama: eu ado... trocam-se ás vezes os pares e o doce... não pode cahir nos caracteres d'uma futura e intolavel sogra! Emquanto que o livro que se vai buscar á estante, que pode dizer verdades como tambem pode mentir em questões de religião, de moral, de sociedade, é o companheiro dos dias d'isolamento e das noites d'insomnia, fallando com mais eloquencia e com mais autoridade que Mephistapholes aos ouvidos de Margarida.

Balzac, lido por uns dezeseis annos femininos ha pouco saídos do collegio, tanto pode ensinar como pode perder. E os livros que se têm escripto aos centos, expressamente para a bibliotheca d'uma demoiselle, são os livros peiores que eu conheço, os livros mais falsos e mais perigosos que existem, descrevendo uma sociedade de convenção para uso de moralistas d'agua morna, sentimentos que ninguem ainda encontrou na vida real, dedicacoes ridiculas e imbecis, amizades de papelão e amores de pechisbe que para preparar o espirito das nossas futuras esposas...

D'esses livros é fugir com mais medo do que do falso amigo que diz á esposa d'aquella que lhe abriu sinceramente a porta da sua casa e o sentou á sua mesa: Eu amo-a... Livros tão ordinarios e tão perniciosos como certos compendios de civilidade que varios cretinos tem tido a audacia de imprimir e pôr á venda — por entre os geracs applausos de burguezes sem educação e directores de collegio que nunca passaram por uma escola seria.

Nas nossas sociedades modernas, emancipadas d'antigos preconceitos, a mulher acha-se no mesmo plano que o homem, posto que os seus attributos sejam opostos. O homem representa simplesmente a força, e a mulher simplesmente a belleza. A discordia ha-de existir sempre, desde o momento que a mulher pensa em abandonar a sua função esthetica, para se tornar a força — querendo provar ao homem que pode competir com elle ou pelo trabalho ou pelo pensamento. Quando este desafio se produz, a função moral da mulher desaparece — e a familia torna-se impossivel: li o que succede nas regiões onde a mulher trabalha mais do que o homem e o que succede nas nossas sociedades europeias onde a mulher procura sempre ser superior ao homem ou pelo espirito fallado ou pelo espirito escripto.

D'aqui resulta que para a mulher moderna ha apenas dois caminhos a seguir — ou o salão ou a familia.

Quando a mulher é simplesmente salão, a mulher está perdida — porque e

inutil. Quando a mulher é simplesmente família — todo o respeito que devemos ter por ella é pouco, porque immenso é o seu coraço.

Salão e família são duas qualidades que eu vejo que V. Ex.^a deseja possuir, e que hoje possuem quasi todas as senhoras da sociedade. A questão está nas doses. Doses eguaes de salão e de família — é bom. Doses doses de família e uma de salão — é optimo. Doses doses de salão e uma só de família — é pessimo!

Conversaremos mais largamente sobre este assumpto no proximo numero da ILUSTRAÇÃO, e até lá permita-me V. Ex.^a que lhe apresente e lhe recomende particularmente a leitura d'um livro de Balzac. Titulo: *Mémoires de deux femmes mariées*.

É o livro que eu offereceria a minha irmã no dia em que ella entrasse no mundo, — se irmã ainda me fosse dada a ventura de possuir!...

MARLYNO PINA.

A MÃO E A CONSCIENCIA

* Porque enfim tu lhe disseste
* Que a curva da sua mão
* É como a curva celeste
* Onde ha o raio e o trovão,

* E o sol de dia, e de noite
* Os bellos astros gentis!
* Ha quem a tanto se affrite?
* Isto a gente nunca diz,

* É por isso que ella agora
* Faz de tigre e de leão;
* Diz-lhe que tem um aurora
* Em cada dedo da mão...

* Diz-lhe que tem sol e lua,
* Que Deus tudo isto fez,
* Por conhecer, que a mão sua
* Podia com mais — talvez; —

* Com o mar, e o vento, e a procella
* Com tudo enfim sim senhor...
* Só não podia a mão d'ella
* Com o peso do teu amor; ;

— A consciencia fallava.
E eu — olhos fitos no chão —
Eu... só seismava... seismava
Em como beijar-lhe a mão!

Rio de Janeiro,

LUÍZ DELFINO.

AS NOSSAS GRAVURAS

ANTES DO INVERNO

A PAGINA que Samuel Urabieta, o irmão do grande e infeliz artista Vierge, desenhou para o nosso jornal, é uma das scenas mais curiosas e mais caracteristicas da vida parisiense.

Novembro bate á porta. Caem as ultimas folhas; descem sobre as avenidas os primeiros e melancolicos nevoeiros; as ruas estão cobertas de lama; o thermometro começa a descer... É o inverno que chega — vão chegar dentro em pouco as noites de 13 graus abaixo de zero.

É então que se ouvem duas pancadas secas nas portas de todos os *appartements* de Paris. A criada vai abrir e annuncia para dentro que são os *ramoneurs* que vem limpar as chaminés. São elles que nos vem annunciar o frio...

É elle-os que entram. Negros como demónios calcinados pelo fogo do inferno, surgem-nos todos encarvoçados de fuligem. As creanças fogem com medo, e as donas de casa estremecem da desordem em que elles vão por tudo. Sobre o *parquet* que luz como um espelho deixam o traço das suas passadas; e dentro em pouco vão andar pelo ar um pó negro e brilhante que ha de ir pousar pelos reposteiros, pelas cortinas, por todos os moveis. Malliciosos *ramoneurs*!

Aproximam-se dos fogões, deitam-se por terra e começam a contar para dentro da chaminé. E n'esse dia só se ouvem na casa as suas cantigas; os gritos d'alarme que elles mandam pela chaminé aos companheiros que estão em cima, sobre o telhado; e o ruido surdo e aspero dos molhos de carqueja e das vassouras de verga com que limpam as chaminés, de alta a baixo, e que espalha nos *appartements* uma poeira negra e suffocante.

Todos no caso detestam os *ramoneurs*, todos os odeiam, — as senhoras, as creanças e as creanças. E elles cotidos, através de todos estes odios, lá vão arrastando a sua bem triste existência, ora entrando nos *appartements* onde são recebidos com mau modo por que tudo vem pôr em desordem, ora trepando aos telhados da zinco e arriscando a vida por um magro salario.

Mas quando o *ramoneur* desaparece d'uma casa para só ahí voltar um anno depois; quando o inverno chega e o mercurio do thermometro desce precipitadamente a linha do zero; quando um fogo claro e crepitante brilha no fogão e alegria a vista adeçoando a atmosfera — então o parisiense lembra-se com reconhecimento do pobre *ramoneur*, a cujo trabalho se deve o conforto d'aquella noite, enquanto lá fora, sobre as ruas d'este Paris immenso a neve cae lentamente... lentamente!

No desenho do nosso collaborador Samuel Urabieta está representado com summa elegancia um trecho d'um interior parisiense. É um pedaço de salão apanhado com muita verdade e muita ferre.

O TUMULO DE MICHELET

N O dia 2 de novembro de cada anno (dia de finados) raro é o parisiense que não vá a um cemiterio depôr um ramo de violetas ou um ramo de peripetua sobre o tumulo d'um parente, d'um amigo, ou d'alguem homem celebre que admira e venera. De forma que, nos cemiterios mais concorridos, como o *Père-Lachaise*, é curioso ver esta população parisiense cobrindo de flores as covas d'aquelles cuja memoria mais ama e mais respeita.

Depois da visita aos tumulos dos parentes, ha a romaria aos tumulos celebres.

Os homens politicos vão deixar corôas sobre os tumulos de Luiz Blanc, de Raspail, de Thiers. As senhoras vão deixar ramos de violetas sobre o mauoleu de Alfred de Musset. Os homens de letras vão engrinaldar de corôas de rosas o tumulo de Balzac. Mas onde todos vão em massa, senhoras e homens, homens de letras ou operarios, homens politicos ou homens de sciencia, é no tumulo de Michelet, do grande historiadore da França, do extraordinario artista que escreveu tão soberbos e tão extraordinarios livros de moral.

O tumulo do autor do *Amour* é tambem uma verdadeira obra d'arte, executado por Antonin Mercié, um dos esculptores mais notaveis da França contemporanea.

O illustre morto é representado deitado, dormindo o seu ultimo somno. A mão direita segura ainda a penna infatigavel e poderosa que traçou,

n'um estylo sublime, glorias, familia, recordações heroicas, tudo quanto consiste a honra d'uma nação. Proximo do corpo humilhado elevava uma figura imponente personificando o genio inspirador de Michelet.

A obra de Mercié foi recebida com grandes elogios pela critica franceza quando foi inaugurado o anno passado em Paris.

Olheremos este poemto pelo seu valor artistico pela sua actualidade, depois da manifestação de respeito e de sympathia que o povo de Paris acaba de prestar a memoria de Michelet, indo cobri-lo de flores e seu tumulo. E isto foi só o posto de Paris. Foram tambem immensas as deputações de estudantes estrangeiros residentes em Paris; de polacos em signal de reconhecimento pela grande estima que Michelet sempre dispensou a Mickiewicz o illustre escriptor da Polónia; de italianos; de húngaros; de hespanhoes, etc.

O nome de Michelet de anno para anno mais admirado é. Tambem, mais são os homens que mais dignos sejam d'uma tão brilhante posteridade.

EDUARDO DE LEMOS

B em profundo é o nosso sentimento e bem grande a nossa magua no termino de apresentar aos nossos leitores esta sympathica physionomia em momento tão triste e tão luctuoso para todos quantos a conheceram.

Desde a fundação do nosso jornal que tinhamos reservado um lugar para o seu retrato, e encenavamos dal-o no momento em que Eduardo de Lemos voltasse para o Brazil, depois de ter prestado na Europa os serviços revelantissimos de que tanto falam todos quantos conhecem o alto valor e a alta importancia do *Centro de Lavoura* do Rio de Janeiro. Mas estupidamente a Morte que o roubou aos seus, impedio-nos que ainda em vida lhe prestassemos a homenagem publica do nosso respeito e da nossa estima.

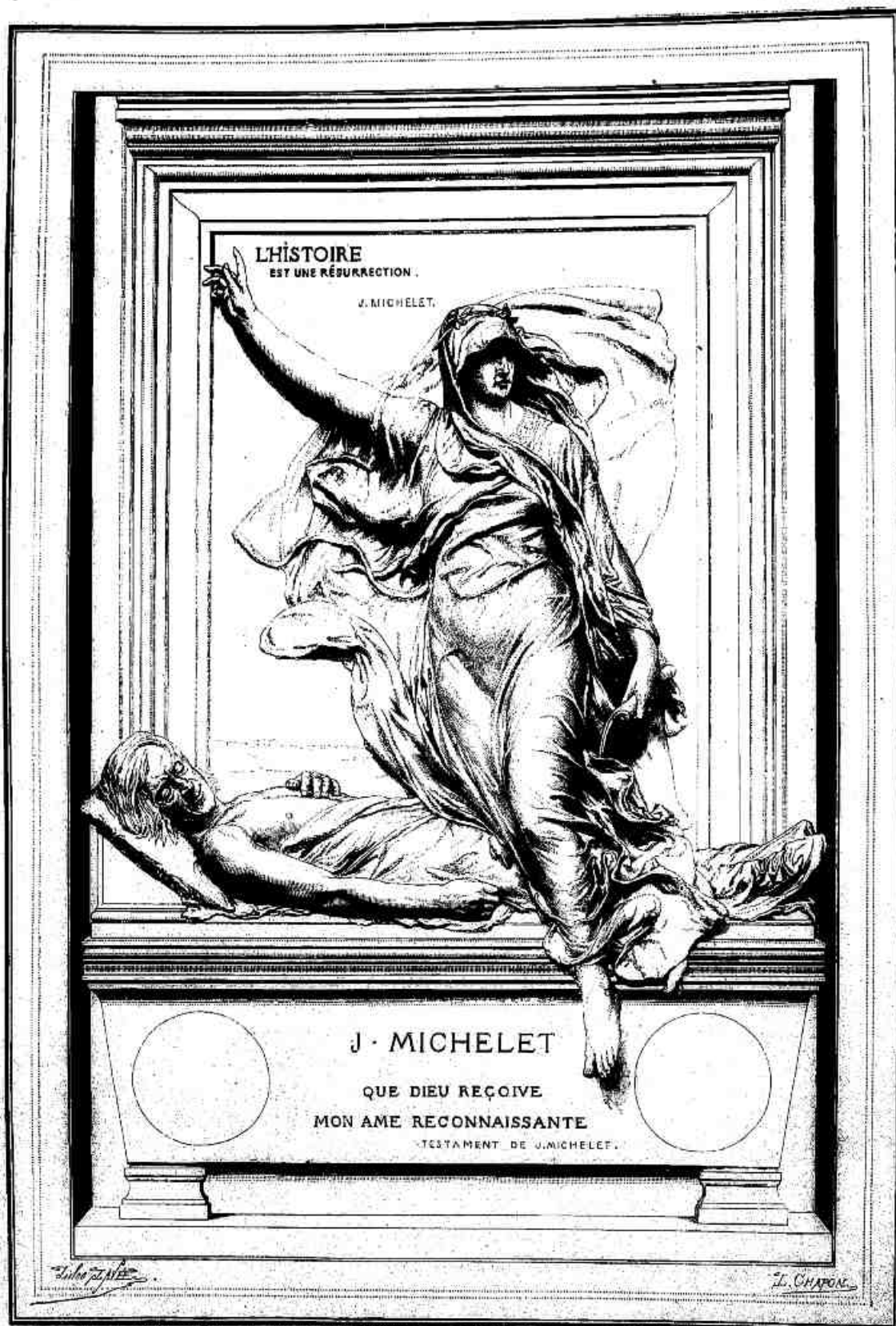
Em Eduardo de Lemos encontramos sempre um amigo precioso e dedicado, e a ILUSTRAÇÃO tem deveras razão para sentir a sua morte por que elle era dos nossos, dos primeiros que vieram applaudir a nossa ideia, dos primeiros que nos enviaram os mais calorosos applausos quando appareceu o primeiro numero da nossa revista. Foi elle dos raros amigos que assistiram em Paris á fundação do nosso jornal, a todas as hesitações d'uma empresa nascente, e foi elle que nos deu conselho e coragem, prophetisando-nos um magnifico futuro, tomando um interesse dedicado e raro por tudo quanto dizia respeito a todas as difficuldades que se poderiam levantar na organização d'uma boa e superior collaboração artistica e litteraria, como a que actualmente possuímos. E conservaremos sempre como boa reliquia o telegramma e depois as cartas que elle nos enviou de Lisboa dandonos sinceros parabens pelo successo que a ILUSTRAÇÃO alcançou, apenas foi distribuido o primeiro numero.

Eduardo de Lemos era presidente do *Gremio portuguez de Leitura* do Rio de Janeiro, e o seu nome tornou-se verdadeiramente notavel em Portugal quando se soube da parte activa que elle tomou para organizar no Rio a celebração do centenário de Camões.

Andava ha tempo viajando pela Europa, sendo encarregado da mais espinhosa e delicada missão — organizar exposições do café, promover por todos os modos a exportação do café do Brazil para os mercados europeus.

Foi principalmente em Amsterdam, durante a exposição, que elle mais trabalhou, publicando então em francez um magnifico estudo intitulado *Brasil*.

Era a primeira vez que Eduardo de Lemos visitava o centro da Europa. Imagine-se o desejo ardente de entrar em Paris, de ver a cidade que ella de longe tanto amava e tanto adorava.



O TUMULO DE MICHELET NO CEMITERIO DO PÈRE-LACHAISE DE PARIS

Mas uma canoa chama-o a Amsterdam pedindo-lhe para antecipar d'alguns dias a sua viagem, e Eduardo de Lemos atravessa este Paris tantas vezes sonhado, da estação d'Orléans para a estação do Norte, dentro d'um carro, sem mesmo se demorar uma hora. Acima de tudo o dever — era esta a sua divisa, e quando um homem assim procede durante uma vida inteira, pode morrer tranquilo, por que tem cumprido plenamente a sua missão sobre a terra.

A Ilustração prestando homenagem ás grandes qualidades de Eduardo de Lemos uniu-o com todos os seus amigos na imensa dor que hoje os afflige — porque a esse grupo pertencem todos quantos fazem parte do nosso jornal.

Al. Ruyter.

INUNDAÇÃO EM MOSCOW

Ha pouco dias em Moscow um verdadeiro dilúvio, e uma inundação medonha, tão terrivel como a de Mur cin, cobrio as ruas, as praças, todos os caminhos e todas as estradas, a tal ponto que sobre os campos proximos se andava em jangadas, como em pleno oceano. Os desastres foram enormes; casas e pontes que abateram por toda a parte; e quantas victimas encontradas entre as ruinas; quantos cadaveres boiando á tona das aguas turvas e revoltas.

D'uma das jangadas de salvação da perfeitamente ideia

o delicado e sensível *emigra* do nosso collaborador Martin, que soube em rapidos traços mostrar-nos o aspecto dramático (uma d'estas scenas desoladoras e tristes, a que já estão em parte habituados os moscovitas por occasião das grandes cheias, — mas que ha muitos annos não atingiam uma proporção d'esta ordem.



EDUARDO DE LEMOS

VICTOR HUGO

Actualmente em scena na Comedia Franchese o magnifico drama de Victor Hugo, *Hernani*.

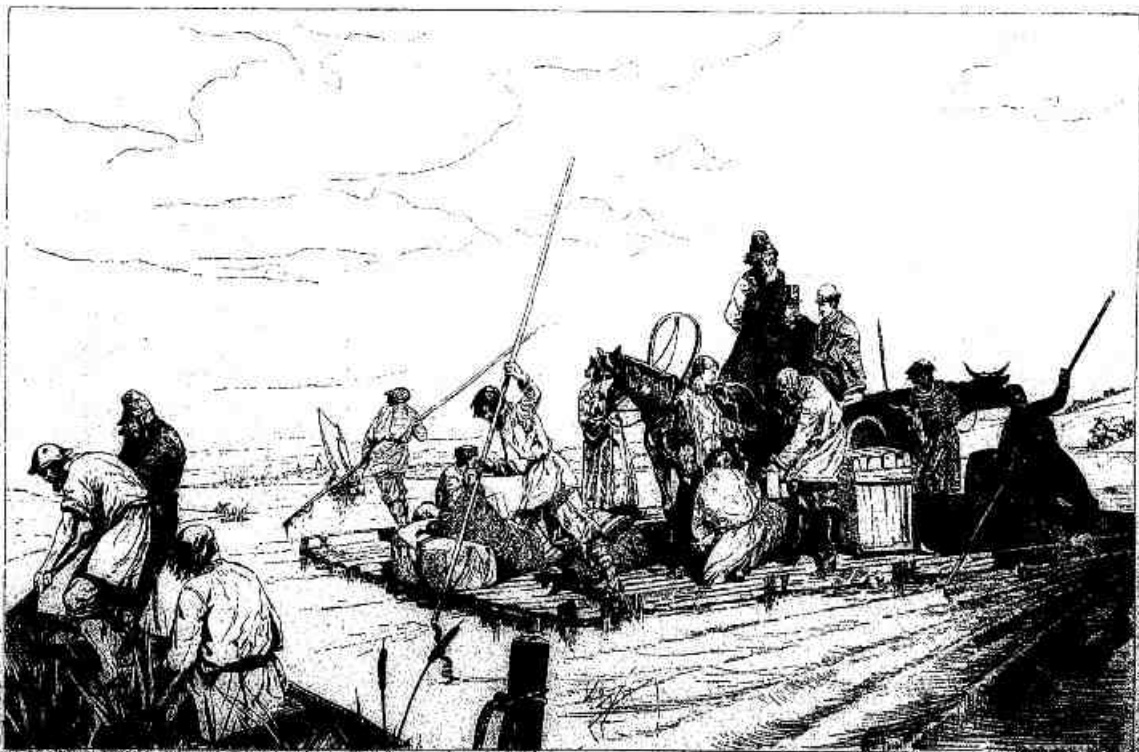
A repartição d'esta peça — que foi uma das glórias de Sarah Bernhardt quando a eminente actriz desempenhou neste mesmo theatro o papel de Dona Sol — constitue um verdadeiro acontecimento theatral em Paris.

A Ilustração aproveita este ensejo para prestar homenagem respeitosa ao illustre poeta — seu destino a primeira indeclinabilidade litteraria do nosso seculo — publicando um sobredito retrato do autor dos *Clérigos*.

Estamos certos de que todos os nossos leitores de Portugal e do Brazil hão-de ver com prazer esta figura austera e sympathica, este velho sublime que todos admiram, que todos veneram, e cujo talento prodigioso tem resistido a todas as luctas e a todas as modas d'estes ultimos cincoenta annos.

O magnifico retrato que hoje damos é tambem recommendavel pelo seu valor artistico. A nossa gravura é a reproduçao fidelissima do retrato do poeta feito pelo eminente pintor francez Bonnat.

Podemos dizer afoitamente que é a Ilustração o primeiro jornal que publica uma reproduçao d'um retrato do celebre artista. Bonnat é um dos primeiros pintores de retratos que a France hoje possui, e no seu genero a critica



INUNDAÇÃO EM MOSCOW. — Uma jangada

é unanime em collocar-o acima de Casolus Duran, de Cabanel e mesmo de Meissonier. É o retratista mais afamado não só de Paris mas de toda a Europa, e ficaram celebres as suas téias representando Thiers, Grévy, Lesseps e Victor Hugo. Em Paris é uma honra possuir um retrato assignado Bonnat, e apesar dos contos de reis que o artista pede por pintar quatro palmas de tela, não faltam pessoas que lhe offereçam dezenas de milhares de francos não só para ver retratadas por Bonnat, mas principalmente para que o artista exponha algum d'estes retratos no Salon mais proximo.

Mais adiante encontratão os nossos leitores um artigo sobre o poeta, devido á penna do nosso illustre collaborador Theophilo Braga.

Theophilo Braga escreveu ha dias de Lisboa ao nosso director promettendo-lhe collaboração assidua na Illustração, e estamos certos que é com um vivo prazer que hão-de ser lidos os artigos que nos fór enviando o eminente e erudito professor do Curso Superior de Letras de Lisboa.

É mais um nome que a Illustração se ufana de possuir.

MANUEL DE SOUSA CARQUEJA

Em um dos proprios dias d'um dos primeiros jornais de Portugal — do *Commercio do Porto*. N'elle o jornalista pouco se revelou, mas n'um jornal não basta somente quem escreva — é preciso, e principalmente, quem saiba dirigir e quem saiba administrar.

Este ar sério e grave, esta politica sem audacias e sem arrojos, esta critica chã e honesta, este tom honrado e sereno e respeitavel que sempre teve o *Commercio do Porto* e que o tornam uma das folhas mais consideradas não só da grande cidade commercial onde se imprime, mas também denotado o paiz — resumiam perfeitamente o caracter serio e respeitabilissimo de Manuel de Sousa Carqueja. O seu jornal era a expressão do seu caracter, do seu sentir, do seu pensar.

O *Commercio do Porto* é dos raros jornais portugueses que menos antipathias possui. Onde elle chega é sempre recebido com a maxima cortezia, e a sua opinião é quasi sempre a que mais se escute entre a imprensa do norte de Portugal. O mesmo succedia com o seu proprietario. Encontrou sempre na sociedade o maior respeito pelo seu caracter honestissimo e recto, e pela seriedade e circumspecção que soube sempre imprimir á folha que dirigia.

No trato intimo era da maxima affabilidade, criando um amigo em cada novo conhecido que d'elle se aproximava. A pessoa que escreve estas linhas teve occasião de se encontrar varias vezes com Portugal e no extrangeiro com Manuel de Sousa Carqueja, e ao ter hoje que fallar d'este nobre caracter, falo-o com grande magua lembrando-se dos momentos agradaveis que passou a seu lado, e sente que este morte lhe é tão dolorosa como a d'um bom companheiro de ha longos annos.

A sua familia e a redacção do *Commercio do Porto* a redacção da *Illustração* envia sentidos pezarões.

LUCRECIA

De presença de Riem, o nosso collaborador italiano, reproduz a magnifica estatua de Giacomo Ginotti, que foi um dos grandes successos da exposição de bellas-artes que se realisou este anno em Milão.

Esta *Lucrecia romana* era uma das obras primas da secção d'esculptura. A estatua representava por assim dizer o seguinte acto d'extraordinario drama de que todos têm ouvido fallar. Tarquinio já panno, e Lucrecia no seu thalamo que o infante osou macular, está ainda resupe-

facte da violencia praticada e da vergonha que lhe resta. Agarra com firmeza no punhal, e aponta-o para o peito ainda quente dos beijos lascivos do tyranno.

O aspecto geral da estatua de Ginotti tem algumas reminiscencias do estatua do tumulo dos Medicis de Miguel Angelo. Mas é verdadeiramente notavel a energia com que ella segura no punhal; e o corpo é tratado pelo mão d'um mestre.

Giacomo Ginotti é um dos escultores mais noveis da moderna Italia, e a celebridade veio-lhe principalmente d'um busto maravilhoso intitulado *Petralsira* que obteve não só um enorme successo em Italia mas também em França, principalmente em Paris. A *Lucrecia* que a Illustração hoje do veio confirmar este anno em Milão que o seu talento é de primeira ordem, e que a arte italiana muito tem a esperar de tão brilhante artista.

UM AVARENTO

Esperituaes quadro que hoje damos foi um dos mercedos successos do Salon de Paris. Adrien Marie é não só um primoroso desenhador como já tem tido occasião de o apreciar os leitores da Illustração diante dos quaes elle tem feito passar o encanto do seu lapis, mas também um pintor de genero dotado de grandes qualidades de espirito a par d'uma encantadora factura. Prova-o o quadro que hoje damos, pela alegria do assumpto e soberba execução.

INTIMO

*Esta alegria loura, corajosa,
Que é como um grande escudo de ouro feito,
E fôrme á Vida a estrada pedregosa
Percorver sem pavor, calmo e direito,*

*Vem-me da tua bocca perfumada!
Arquada como um ceu, sobre meu peito:
Constellando de beijos cor de rosa,
Ungindo-o de um sorriso satisfeito...*

*A immaculada pomba da Ventoura
Espreita-nos, o verde olhar abrindo,
Annuciada em teu cesto de costura;*

*Trilha um canario na gaiola inquieto,
A cambraia subtil fôrça sorrindo,
E eu sorrindo desento este soneto...*

VALENTIM MAGALHÃES.

Rio de Janeiro.

VICTOR HUGO

Intimo e caracter são duas qualidades que raramente se encontram reunidas no mesmo homem; e a primeira de per si basta para tornar immortal uma individualidade. Vê-se o talento separado do caracter em Bacon, o creador do *Newum Organum*; acha-se o caracter separado da intelligencia nos sectarios sentimentaes de qualquer doutrina religiosa ou politica, nos martyres e nos heroes. Talento e caracter são duas energias diferentes, porque têm origens diversas em dois centros cerebraes — perceptivo e volitivo; mas essas duas energias coordenam-se entre si, até que o progresso de uma pro-

duz o desenvolvimento da outra. Ha porém cerebros tão bem orientados, que o talento e o caracter coexistem em uma simultaneidade harmonica, e por isso cada uma d'estas forças põe a outra no seu maximo relevo.

É este o traço fundamental da individualidade de Victor Hugo, como poeta, como artista, como politico, como homem; creador, como um talento privilegiado, as suas obras distinguem-se pelo aspecto grandioso que o caracter imprimiu ás obras de ante de Dante e de Miguel Angelo.

Defacto, Victor Hugo, exprimindo todas as profundas aspirações d'este seculo, está para esta grande época, em que a Revolução se vae tornando evolução, da mesma forma que Dante estava para o fim da idade media, quando o presentimento da Revolução o fozie proclamar *seculi si rinova*. A sua palavra, as imaginas, as antitheses, a representação das idéas têm na sua expressão o relevo accentuado que Miguel Angelo sabia dar ao marmore e aos frescos audaciosos. Para a civilisação, Dante é o poeta do fim da idade media, filho da inspiração do christianismo e da luota da independencia civil; mas Victor Hugo é o poeta da humanidade; o vidente da justiça, uma das verdadeiras formas do poder espiritual novo que tem de reger o mundo moderno. Quando o talento e o caracter se harmonizam, não é somente a individualidade do homem que se eleva; a sua vida é também uma lição, fortifica-nos ao passo que nos levanta.

Victor Hugo é o ultimo representante dos espiritos que romperam com a atonia da arte classica das escolas humanistas, e o primeiro luctador que põe a arte, com o seu grande poder unificador, ao serviço das idéas modernas, empregando-a como uma força social. Entre a *Notre-Dame* e a *Histoire d'un Crime* está circumscripção a evolução d'este luminoso espirito, que soube revelar a poesia intima de uma sociedade que se constituia, e salvar um povo de uma tração dos proprios depositarios da auctoridade. Os defeitos accidentaes das suas obras, são os modos de ser particulares de uma tão sympathica personalidade; não servem para se imitarem, mas para se conhecer mais intimamente o homem, que ultrapassava os limites das nossas condicções normaes.

Victor Hugo nasceu a 26 de fevereiro de 1802, do general Hugo, celebre caudilho das campanhas napoleonicas, e de Sophia Trabuchet, natural da Bretanha e como tal realista convicto e provada nas luctas da insurreição vendeana. O que havia de contradictorio entre estas duas naturezas, reaparece alternativamente em Victor Hugo, segundo a idade e a maior influencia que exercem cada um dos seus progenitores sobre a sua organização não definida.

A primeira educação litteraria recebida das lições do padre-casado Le Riviere, communicando-lhe o espirito revolucionario, deixou-lhe também esse resto de deismo, de que o poeta nunca se pôde libentar. Antes de Victor Hugo ter a sua autonomia moral, obedeceu a cada uma d'estas influencias; sob a direcção maternal foi um sincero realista, orientado pelos successos da Restauração, celebrando os Bourbons em tragédias academicas cheias de allusões. Algumas poesias lyricas, como a ode á estatua de Henrique IV e Luiz XVII, são de

A ILUSTRAÇÃO



VICTOR HUGO

QUADRO DE BONNAT

tal belleza que se conhece que o realista se dissolveria um dia pelo entusiasmo generoso do poeta.

Filho de um general de Napoleão, que, participando da sorte do atrevido corso, se distinguia ainda pela energia com que narrava as suas recordações de campanha, não admira que Victor Hugo fosse impressionado com a legenda napoleônica contada por seu pae, e admirasse o assassino da Republica franceza. A historia moderna ainda não tinha achado os processos da dissecação psychologica, e ainda Littré não havia escripto o seu estudo sobre o genio militar de Napoleão, nem Michelet escarpelára essa formação malefica da origem dos Bonapartes. Para abandonar os estereos sentimentos do realismo britânico, tinha Victor Hugo de admirar o imperador theatral, porque só assim é que se approximaria do grande espectáculo da Republica, que a burocracia mentida de Napoleão ofuscava. Esta terceira phase tem sido a orientação sublime da sua vida, tornando-o desde o desterro de Jersey até hoje o apostolo da humanidade.

Foi de 1826 por diante que o character do poeta adquiriu a tempera inquebrantavel; o amor veio ajudar o desdobramento d'esta chrysalida, que tendia para a luz; o seu casamento em 1822 com mademoiselle Foucher, realiso-se apesar de todos os conflictos de familia que o embaraçavam. O romance do *Han de Islandia* é considerado como uma serie de quadros allegoricos da situação dos dois amantes.

No meio das reacções clericas e monarchicas da Restauração, preponderava essa escola litteraria monarchico-catholica, em que figuram Chateaubriand e Bonald, Lamennais e Lamartine, e levantava-se um pequeno grupo dissidente, que, seguindo o criterio vulgarizado por madame Staël, sustentava no jornal *O Globo*, desde 1825, a necessidade do estudo comparativo das litteraturas, como meio para adquirirem a liberdade da concepção e a independência dos canones rhetoricos impostos pelas academias. Victor Hugo obedeceu a estas duas correntes, primeiro não aceitando a nova direcção do lyrismo encetada por Lamartine nas *Meditações*, depois propondo-se a realisar o ideal de Chateaubriand no *Genio do Christianismo*, e por ultimo operando a revolução litteraria no theatro pondo em acção as theorias desenvolvidas pelo grupo innovador do jornal *O Globo*. Cada drama de Victor Hugo está ligado ás grandes luctas do Romantismo em França, onde o pseudo classicismo chegou a pedir a realza a pena de prisão para os sectarios das novas doutrinas litterarias. *Grommel* (1827), *Hernani* (1829), *Marion Delorme* (1831), *Roi s'amuse* (1832), *Lucrecia Borgia* (1833), *Marie Tudor* (1833), *Ruy Blas* (1838), *Les Burgraves* (1843), são os documentos da grande lucta, em que as theorias foram discutidas praticamente diante do publico.

Havia nos dramas de Victor Hugo novos effeitos de linguagem, situações moraes de uma emoção indescriptivel, um colorido produzido por contrastes nos diferentes tipos, um fervor de liberdade; a necessidade de sustentar esta violencia, não o deixou adquirir o conhecimento profundo da scena, e muitas vezes em lucta com a autoridade, que lhe prohibia os dramas, abandonou o theatro para lançar-se nas commoções politicas. Tendo passado a sua

moidade na Italia e na Hespanha, elle comprehendeu esses typos nacionaes do Cid e de Fern-Diavelo, que encarna nos seus heroes; mesmo na sua linguagem reinou a pompa hespanhola e a forma do laconismo de phrase dos dialogos da *Comedie d'el arte*, dos *lazzi*, dos improvisadores. E com uma natureza plenamente peninsular, incapaz de se submeter a qualquer disciplina philosophica, em religião alliou um volucrio-nismo domestico com um christianismo sentimental, e pela bondade absoluta de uma natureza saudavel apprehendeu como ethetico a rehabilitação do feio e do grotesco, justificando-os como contraste.

A falta d'uma philosophia foi sempre o seu lado fraco; substituiu-a por um deismo vago, por uma theologia providencial, e esse mesmo defeito é o que diminui em parte o valor incontestavel da obra de Michelet. Ambos estes escriptores, dotados de uma grande intuição do passado e de uma comprehensão moderna, suppreem esta imperfeição á custa da mais completa propaganda da solidariedade humana. Esta tem sido a these fundamental de todas as obras litterarias de Victor Hugo depois que o desterro em Jersey o teve por bastantes annos separado da politica. D'aqui data uma phase nova da sua vida.

O que fez Victor Hugo por occasião do golpe de estado de 1852, quando Luiz Bonaparte atraiçou a Republica de 1848, que lhe havia confiado a presidencia, pôde vêr-se escripto por assim dizer a ferro em brasa no celebre livro *A Historia de um Crime*. Victor Hugo nunca quiz entrar em França em quanto esteve no throno o miseravel *Cartouche* que se chamou Napoleão III; depois da destituição do imperio, em 4 de setembro de 1870, é que o poeta que escrevera o esplendido livro *Les Châtiments* e *Napoléon le Petit*, corre para tornar a vêr a patria que jazera vinte annos escravizada, e que a derrota de Sedan acabava de lancar no abysmo. Estes annos de resistencia, do desterro e do protesto são a consagração historica de um grande character; a França deve-lhe alguma coisa da sua dignidade actual; foi um bemfeitor, porque não deixou corromper esse povo até á medula dos ossos.

Os versos dos *Châtiments*, cheios de gritos apocalypticos, cujas ameaças eram ridicularizadas pela imprensa vendida ao imperio, no dia do desastre tornaram-se sentenças historicas, que até a propria *Revista dos Dois Mundos* commentou com respeito. D'esses annos de resistencia são as obras de revolução social, os *Miseraveis*, os *Trabalhadores do Mar*, o *Homem que ri*, e sobretudo essa nova concepção da poesia, realisada com valentia na *Legenda dos Seculos*. Cada livro de Victor Hugo liga-se aos grandes acontecimentos do tempo e da sua patria; o *Anno terrivel* é o grito de Tirteo gravando na Historia, para que nunca mais esqueçam, os ultrajes que a Alemanha infligiu á França, separadas por odios monarchicos estranhos aos dois povos irmãos; a *Historia de um Crime*, foi o depoimento de uma testemunha sobre que se basou a sentença de morte de uma dynastia de catastrophes.

Feliz o homem que é uma das mais altas expressões do seu tempo, e mais ainda, que nos ensina a acreditar no futuro.

THEOPHILO BRAGA

SUA EXCELLENCIA O MOLEIRO

A... por mais, n'uma primavera que recordava Diaz e Theodoro Rousseau, fui passar uns dias com o Jorge, na quinta onde elle vive, lá baixo, junto do Guadiana.

O Jorge é uma d'estas graves organizações, um pouco vegetaes, feitas entre arvores, e educadas na contemplação das grandes montanhas, que as mulheres adoram pela força que requebrem e recatada doçura que exprimem. Então, vive lá baixo ha annos, no convívio dos trigos lobeiros e dos vedonhos delgados. Simples rapaz manso de fallas, que parece triste desde que sahio bacharel, e que ao fim de grandes esforços, muito grandes, está quasi tão luctuoso como se o não fosse. A quinta é como as outras, cercada de muros ao longo da estrada, aberta pela bondade do rio, e com a antiga caza nobre no fundo d'uma alameda de castanheiros e platanos. Nos campos em volta, a caça é abundante como nos primeiros dias do Eden. Num retelho oblongo do vale, vergam velhas laranjeiras todas frescas do orvalho. Bebemos agua d'entre serras, tocada d'um resabio ferreo, extraordinaria agua de rocha, que brota tepida no inverno, e vem gelada pelo tempo das calmas. Quanto a vinho, no Alentejo, onde os senhores virem convento de frades, é que ali anda por força uma gota superflua. Ora a dois passos, dorme uma grande ruína de convento — e a região viticola, vasta, verdejante, admiravelmente pittoresca dos pampas que em toda a parte se enlaçam, por cima dos valados, por cima dos muros, nos troncos das arvores; a região viticola é das mais ricas e sãs da toda provincia. Enche-se o copo por arte, afim d'olhar contra a luz, antes de beber, o esquisito licor d'um colorido quente, que faz sonhar nos furtivos amores pelas vindimas, com raparigas que cheiram a ferro, e trazem os colletes desaperados, rubras de calor.

Todas as manhãs eu acordava ao som de tiros nos pinheais da cerca; e os latidos dos cães já por fim me avisavam que o Jorge não perderia o dia, e andava ganhando o almoço de nós ambos. Por mim, caço pouco. As correrias a cavallo fatigam logo os meus pobres musculos de sabio, vitalisados por um sangue deslirado e branco: e assim me via forçado a não acompanhar sempre o meu caro montanhez, cuja vida rude de barão feudal, levada em jogos violentos, montarias, exercicios d'armas, não era já para os meus habitos de perpetuo convalescente. Elle não irradiava uma alegria selvagem ao voltar carregado de despojos, coelhos, pombo, galinholas, perdizes, e tinha uma bella estatura d'infante sobre o cavallo negro, nervoso, bizarro, de crins soltas, que dir-se-hia soberbo de ser guiado por Jorge. De mais, eu trouxera para o campo os meus habitos do estudo, passava as manhãs lendo, aguardava com impaciencia as horas de correio, — e apesar do grande sol, da verdura que fazia, das florações incomparaveis, da doçura do clima e do ar, francamente, vinha-me a espaçosa uma saudade dos boulevards e dos ruidos da cidade — e pela noite, no silencio da quinta, sob um frio luar que esfumava os cerros, eu sentia a horrivel sede da podridão lisboense, cafés flambantes o gaz que inorde as epidermes bassas entre a espuma das rendas, e esses gentis peccados mortaes de manilha branca, perfumados d'aromas secretos, com signaes postiços e pó de Lubin, que vão para S. Carlos ás oito, entre uma multidão que se acanilha e comprime. E olhando o Jorge com a sua barba em bico, o seu perfil de príncipe lorenço, atrevido e calmo, punha-me a pensar na vida d'aquelle rapaz, tão casto, tão egual, e achava estúpido que o coração d'elle batesse manso com pulsações espartas, aos vinte annos, no fundo d'aquella terra.

Mas afinal, disse-lhe eu uma noite, farto de esquadriñar a frialdade do seu tempera-

mento adormecido; não haverá tua vida uma mulher?

— Ele, corando um pouco, disse-me a rir que a procurasse.

— Porque enfim, tornei eu, aos vinte annos, um rapaz conhecedor das mulheres, resolve-se a amar uma de preferencia. Levas uma vida extremamente monotonica para ser verdadeira; raro te vejo abandonar os teus dominios; por forma que não podes viver ao do que apparentes. Oh! Oh! Ha para ali, no fundo d'algum monte, na aldeia, lá baixo, ou da outra banda da ribeira, algum bom bacano de fêmea, hein? mais vigiado que um thezouro, onde cá o patrão espai-se das azafamas venatorias. Boa trança, seio copioso, olho magano...

— Manias de romancista, disse Jorge, atirando o charuto. Boa noite. Ah, é verdade: amanhã vamos ao moinho.

No dia seguinte fomos atravez dos campos agricultados, entre arvores vestidas com floragões de neve, o guardando a graca pudica dos raparigas que vão fazer a sua

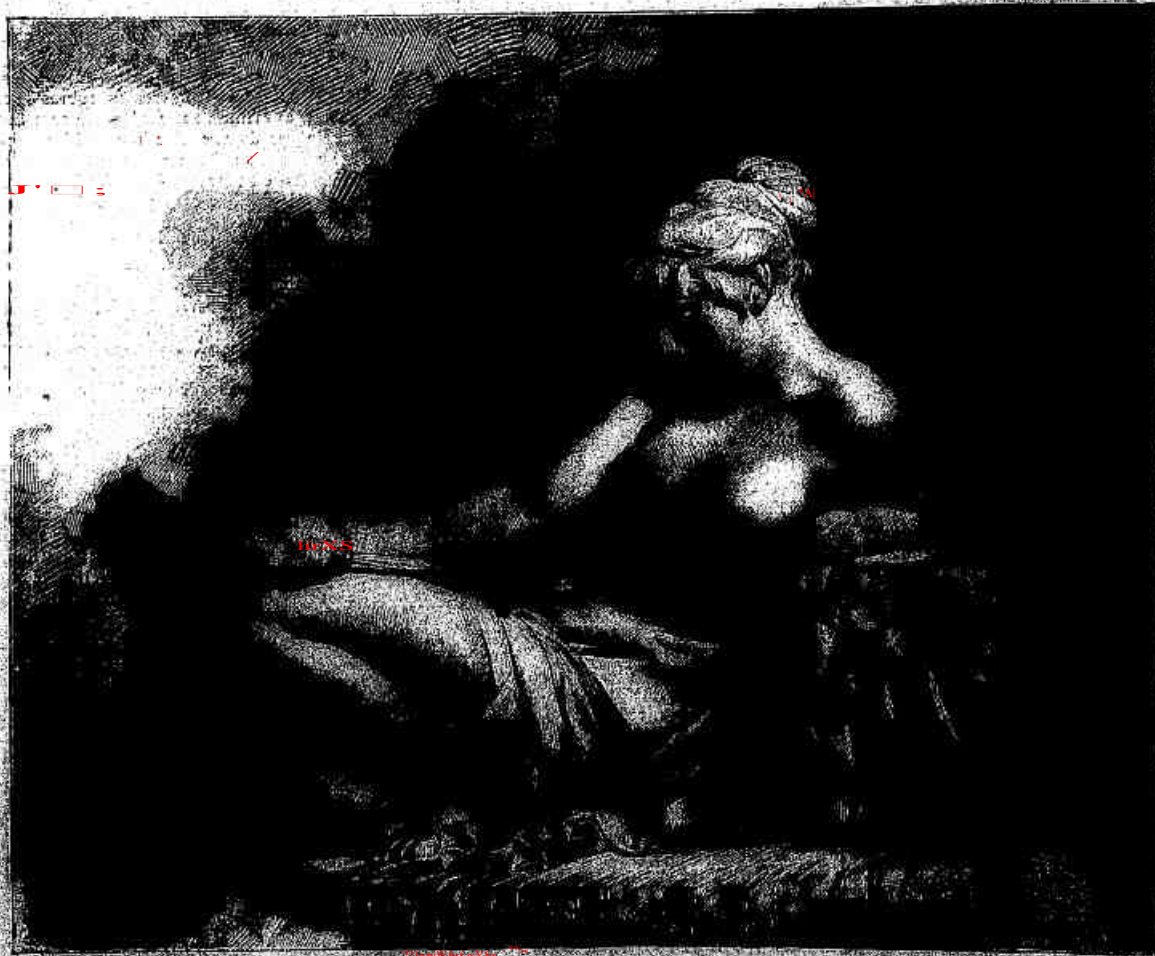


MANUEL DE SOUZA CARQUEIA.

primeira communhão. Parecia o céu um grande claustro de lapis-lazuli doado pelos lampadarios do sol; o ar doce e a luz tepida, tonificavam a vida, abrindo campo a todos os sonhos e a todas as visões — e sobre o horizonte, o azul lá tomando profundezas vivas que palpitavam, comovidas de patrocinar tanta vegetação frenetica, e essas borborinhos doidos da passarada. Para direita o Guadiana, turvo das chuvadas, grosso pelo tributo dos regatos e ravinhas d'entre montes, gorgolijava entre penedias, estrangulado aqui, abriado alémserventes mares, ameaçando inundar os moinhos — depois lá se ia resmungando entre cordões de sobrelas gigantes — o ferver amontacia n'um *eu-leu!* muito alongado — e o ultimo galgão braquijava de cholera n'algum coxovo do leito — até que por fim já se não via, mas por uma forma terrifica, surda, no expansão invencivel da cheia, ainda ao ouvido se figurava como um tropicar de exercito, por esses destiladeiros asperimos da raia.

Quando já tinhamos andado alguns kilometros, disse o Jorge:

— E agora, que vamos nós fazer a esse moinho?



ARTE ITALIANA. — Lucrecia, de Giacomo Chiossi.



UM AVARENTO — Quadro de Adilson Mario.

— Ah, tornou-se, como se não recordasse. O moirão! É isso. Uma curiosidade do sítio: tu has-de apreciar. Há uns homens que vocês dizem artistas, e que eu ainda não pude deixar de chamar maníacos. Alguns, claro.

— Bom preâmbulo! tomei eu rindo.

— Como vives lá muito em Lisboa, deves ter ouvido falar do Mexia. O Mexia de Fenzira! Homem de tantos, grande frequentador do Mar-rare, muito diâmetro... Esteve com a Manuela Rey muito tempo.

— Vagamente, sim. Creio que dissipou trez ou quatro fortunas em extravagâncias. Mas desapareceu há muito, e a rapaziada de hoje desconhece-o. Deve estar pobre.

— Quaz! No entanto é millionário.

— Compensação. E emendou-se?

— Um pouco. Por aqui adoram-no.

Eu cá embirava com elle, já te previno. Mas se o conheces do perto, achas-o um cavalheiro: não sou agora tão exclusivo que o diga insupportável. É um destes inexplicáveis com quem a gente ruda como eu não sabe tratar, cheio de remessas e riziachos, que nos fazem crizes de nervos. É uma curidude principessa! Há quatro annos, na inverno que estragou as sementeiras, mandou abrir os celeiros, e cada pobre carregava as bestas quanto podia. E pena que se mostre avarento da sobrinha!

— Hum! Lá diagnosticar por ahí a embirração.

— Exas doido! Se gostasse d'ella...

— Vamos. Por certo é uma belleza, essa rapariga. Muito nova?

— Desoito annos. Não digo que não seja sympathica, e até bonita. Mulher de salão. Eu não nasci para aletitias!

— E o tio então, gosta pouco que lhe roadas a porta?

— Oh, lá isso não! Nem eu sei porque nos não frequentamos mais. A verdade é que ha entre nós certas differencias. O anno passado não tive côrte nos montados. Precisava de lenha para casa, e para uns pedidos ahí de Moura. Elle soube, e mandou-m'a sem eu l'ha pedir. Aquelles gampas que tenho no patco, foram presente d'elle. Nas ferreas, sou o primeiro convidado. A menor festa, elle ahí vem todo em etiqueta. Enfim, a sua polidez exaspera-me. Quando tu vejas dois alemães nos vizinhos, dando-se ares cortezanescos, diz logo que ha velha birra entre elles. A nossa provincia nasceu para tractar a amizade em mangas de camisa.

— Pictoresco! A toridez da zona desculpa isso.

— Confesso que seja dureza d'espirito, falta de cultura. O sol que nos tosta a epiderme, faz-nos a imaginação arida. Não somos o que vocês chamam artistas. Se uma trepadeira cresceu ao pé da nossa janella, não vamos obrigá-la a fazer-nos moldura á vitrea. Os troncos crescem e pendem para onde lhes faz conta. Não temos sentimento da linha, nem arte na côr. Olha as residencias dos nossos pequenos lavradores, as janellas sem vidros, mobílias que parecem ainda das primeiras edades do homem, uma nudez horivel nos quartos... O tom habitual das conversas e dos negocios, é aspero, succulento, secco. Nada de meias palavras ou de máximas. Quanto é? Tanto. Faz conta ou não faz conta. Se tinhas estranho oazasse um trocadilho de palavras, qualquer intuitivo gracioso, diriam logo — que melro! E entravam a desconfiar. Sabes tu como ahí as aldeias, esgotadas pelos tributos, sem benedicto local, designam essa Lisboa, que ellas imaginam ser o sorvedouro do dinheiro que lhes extorque? Estendem o punho fechado, e dizem: lá aquelles grandecissimos ladrões!

Os montados entre que vivemos, livram-nos do contagio das cidades. Rasgaram-nos um caminho do ferro: melhorou com isso a nossa actividade? Estamos cada vez mais pobres. Nos primeiros tempos, entusiastas, como se tractassem um invasor, os nossos camponeses arrancavam de noite, os raios que os operários assentavam de dia.

— Uma população com tais habitos, disse eu para dizer alguma coisa, deve preparar o curara com grande solemnidade, afim d'envenenar as flechas.

— Aqui tens o paiz onde o Mexia vem plantar os seus habitos de galanteia. Foi um escandaloso, no saberem que elle cultivava plantas d'esta natureza! Enfim, eu mesmo não fiquei contente, quando o vi rasgar a meus nos pinhões, o talhar as azinhóras como os buxos de Queluz. Esse diabo viola a magestade da natureza. Estou em dizer que ainda illumina os montados a gaz, e obriga as perdizes a decorarem-se, antes do lhes ferrar uma chumbada.

— E vel-o-hemos no moirão?

— Se é elle o moleiro.

— Mas isso é um libretto de Scobie. E a musca?

— Chopin, algum piano d'Erard, pela sobrinha.

— Meu Deus, que delicioso moleiro para amante...

— Mau! gritou Jorge fazendo estacar o cavallo. Não gosto d'esses brincadeiras.

Tinhamos galgado um mau caminho estreito e pedregoso, entre montanhas cobertas de pinhas; quando subitamente vimos deante, o mais extraordinario panorama agricola do mundo.

— Entrámos nos dominios do homem, notou Jorge, em quanto eu com o cavallo immovel, a mão em abat-jour sobre os olhos, lá notando de vagar.

A principio não pude impregnar-me bem, do sentimento profundo que tamanha obra transpirava. Eram massas de verdura em todos os tons, humidades, fremitos, mandos de terras, brancuras de cazas; uma tranquilla paz que adormecia a alma. Mas quando os meus olhos se afizeram á luz deslumbrante que inundava tudo, ceas e montanhas, eu perguntava se era ali o paraizo da Biblia, e não podia conter a minha admiração.

Tudo quanto abrangia a vista, era d'elle. E havia de tudo, campos de trigo, faveas, oliveiras cobrindo a terra por vastas extensões, vinhedos, montados; florestas de carvalhos e pinheiros, campos d'alqueire, pradarias de selva, laranjeas e pomares, alinhando por esses vales, os seus grandes retalhos de tapeçaria mosqueada, tremula, fofo, florida e desconforme.

— Alem de o palacio que elle anda a restaurar, lá dizendo Jorge, me apontava cada coisa, com o cuidado minucioso de quem quer fazer resaltar bem p que mostra. E eu via um bizarro edificio com altos pavilhões nos azas, meio castello meio palacio, reconstruido em epochas diversas, e cozendo por isso, uns aos outros retalhos de diversas architecturas. Aquello grande massa tinha por cima um torvello que andavam asfaltando, e em roda balustradas, onde os canos d'esgoto eram creaturas de pedra, defecando para as bandas da frouseira. Bougenvillias, heras, caracoleiros, agarravam-se aos varandins do andar nobre, engatilhavam-se, iam trepando até aos terraços fazendo sobre os muros um grande tapiz d'arruz, dilacerado e espesso. A coza compoente entre fortes massas de cedros, nogueiras, palmeiras, choréres, e silvoneas pyramidaes d'aracurcias; a cada momento o buxo talhado das ruas era interrompido por cupulas d'estufas, agudezas de chérestres, penumbrias de grandes loureiros e tibias, que faziam escaninhos e grutas — e como o ar humido transmittia os sons com uma nitidez singular, estivemos por tempo a ouvir pillar todo aquelle mundo. D'alem, ruidos secos de pedras e rochedos limpando os troncos; d'aeslá, cantigas de mulheres e homens, risos, gritos, conversas altas, murmurios d'aguas, ruidos de nozes mugidos de vacadas, todos os zumbidos da vida fecunda que não procura comar-se ao alastrar, d'azinhaga em azinhaga.

Mas o pictoresco eram as penumbrias gotejantes das verdugueiras, corcovos das maveras; o turbilhão dos coloridos, os finos perfis das faixas

e choupos, em torno dos quizes lá uma especie de folhagem d'oiro entrava a esvoaçar; as manchas das floragões que vinham coia primavera, cozadas, confusos rebatidos em fundos suaves, desde o côr de rosa das olaias, do branco creme dasilôres de pecegueliro, até as sombrias tonalidades de plantas rusticas, hirsutas, violentamente brotadas, malmequeres, travissos, rosmaninhos, carapatos e rovas selvagens. Jorrando d'alto, o sol fazia nesses boscaques, frigidias das gotas que se filtravam pelas folhas, os mais preciosos effeitos de gambiarra, sob que a vista ia saltando de continua em cortina e pilar em pilar, como um passaro contente e azul que nada teme.

Demos ahi com um porção de feero batido, entre pilascreas oreadas d'escudos. Uma alameda lá encontrar no fundo da quinta o vasto terrado de balaustrades, coberto de mosaico, com vasos d'olivas e palmeiras anãs; e appareciam depois os fortes angulos do palacio, e a fila de janellas principescas, d'um grande ar, que lá perder-se alava e corresta, na verde confusão das folhagens. Jorge puxou a sineta. Um creado abriu de dentro. E d'alli a pouco o mordomo ou quer que era, veio dizer que os senhores estavam no moirão, meio kilometro, a dois passos, em quanto durassem as obras na casa. E se V. Ex. quizessem...

— Não, vamos lá ter.

Breve chegamos ao moirão, um pictoresco moirão hollandez, todo em ferro e azulijo, com a sua cruz de malta girando á respiração da briza matinal. Era n'uma cobina baixa, cujos pendentes vinham preguiçosamente ao vale n'uma ondulação calculada, e onde arvores e selvas, Deus me perdoe, não eram tractadas á thezouro. Um caminho cercado de jardim serpenteava entre sebes de murto roando circumvolução a compasso. Agradando passiam os carneiros brancos que se amontoavam em todas as agues fontes dos livros galantes do século passado. Duas creadas cobriam-se de eventadas de percaie, mujum vacas que um pastorinho guiava. — E nos mesmos subindo direitos aos cavallos a passo, com vestões de velludo e gorros de caça, concorriamos com os nossos perfis diagnosticando a authenticar aquillo paysage de loque, iagena, e delambida. A escrupula dos cavallos, o Mexia veio á solto do moirão com o seu riso cortezanescos no labio ainda voluptuoso. Era alto, secco, ligeiro, tendo uma mobilidade instinctiva na espinha, e o monoculo pendente d'um fio de oiro muito tenue. O seu traje era uma junção de peças desencotradas, que para assim dizer descreviam a incongruência do seu espirito doidivanas — barrete azul de moleiro, o mais admiravel collete de damasco bordado a relevos crente, a camisa de britanhu espelhando a luz na sua immaculada brancura, mais de sedo escarlata, manga arremendada... E assim que nos viu, fazendo a voz rude, dava ordens para dentro, fugindo de rustico em labuta — essa fasilha prestes ás onze horas, olá! — cuidado co'a mão que é traçoestra! — e os ruidos da engrenagem proseguiram algum tracto surdo e prolongado. Tinhamos apedado; e elle desavergando as mangas, rejubilhava de o termos supprehendido no seu rustico mister. Fez-nos entrar nos baixos do moirão, soffrogo por nos dizer a azafama dos ultimos dias — moer sem destino, como lhe iam augmentando os frequeres — as calmarias do vento exasperavam-no, coa quasi um rolo — quanto a nós, poucos lhe vinham ao caso. Tanto que lá inventar um aparelho... mas par agora segredo! A farinha, baixa, isso estava, mas havia apparangas de subirem ospreiros, que as ceceas est'anno não promettiam lá grande colheita.

— E assim var gambiando a vida, uma pessoa, comtinue alongando a perna por lhe venhos a farinha que lhe empoeirava as calças, e vestia d'um ligeiro daver o venis dos sapatos recurvos.

Por dentro, o moirão era alguma coisa luxuosa.

EPILATORIOS DUSSER (Pasta Epilatoria para o rosto; Pelivora, para os braços)

Parfumeria DUSSER, 1, rue Jean-Jacques-Rousseau. — PARIS



— Muito concorrido está hoje o theatro. Vão que agulha o meu conselho.
— Segui. Os Epilatorios de Dusser são uma descoberta maravilhosa; sómente tenho e peço muito vocos.
— E que te esqueste de fazer uso da Crème moussante.

— Fanny, está tudo em ordem na minha toilette? Não te esqueste de cousa alguma?
— Não, minha senhora; aqui está a Pasta Epilatoria, tres frascos de Pelivora e a Crème moussante.
— Bem...

— Pois quê! ainda não estás pronta?
— Não tenho coragem de te tomar banho com as minhas mãos.
— E affliges-te por isso pouco! Aqui tens um frasco de Pelivora. Vões ficar como uma nymphê de Diana.

— Eis as três grãças! Te leguimus, cupiamus, et ferimus!
— Mas que corpe esbeltas — que esplendidas carnes!
— Que admiração! Com os Epilatorios Dusser todas as mulheres são esbeltas e bonitas.

— A baronessa já de nada se arreia desde que lhe desapareceram aquellos bigodes que lhe davam o ar d'um genêroiro.
— Foi a Pasta epilatoria e mais a Pelivora que a salvaram.

EXPOSITION UNIV^{le} 1878
Médaille d'Or  **Croix de Chevalier**
LES PLUS HAUTES RÉCOMPENSES

Gottias Concentradas

E. COUDRAY

PARFUMS DE MODA PARA LENÇOS

Estes perfumes reduzidos a um pequeno volume são muito mais duradouros e mais saubos no longo que todos os outros extractos de flores conhecidos até agora.

ARTIGOS RECOMMENDADOS
PARFUMARIA DE LACTEINA

Recomendados pelas *Créations de Modas*.
AGUA DIVINA água de sandal.
OLEOCOME para a beleza dos cabelos.

ESTES ARTIGOS ACHAM-SE NA FARMACIA
PARIS 13, rue d'Enghien, 13 PARIS

Depositos em todas as Parfumerias, Pharmacias e Colloquios da America.



GRANDES ARMAZENS DO

Printemps

NOVIDADES

PARIZ

Acaba de ser publicado

o magnifico Catalogo geral illustrado, contendo mais de 450 Gravuras dos novos Modelos para a estação de

Inverno de 1884-85

Remette-se gratis e franco a quem o pedir, em carta franqueada, dirigida aos

SEN^r JULES JALUZOT & C^{ie}
PARIS

São igualmente enviadas FRANCO, as amostras de todas as fazendas que compõem o immenso sortimento do Printemps.

Expedições para todos os Paizes do Mundo.
INTENDENTES E CORRESPONDENTES EM TODAS AS LINGUAS.

DIGESTORES ARTIFICIAES
VINHO
DI-GESTIVO DE
CHASSAING

PEPSINA E COM DIASAGE
Agentes naturais e indispensaveis da
DIGESTÃO
20 annos de successo
contra os
DIGESTORES DIFFICILES
CU INCOMPLETAS
MALER DO ESTOMAGO
DISPEPSIAS, GASTRALGIAS
PERDA DE APETITE, E DAS FORÇAS
MAIGREZA, CONSUMÇÃO
CONVALESCENÇAS LENTAS
VOMITOS, etc.

Paris, 6, Avenue Victoria, 6, Paris
Atta-se em todas as principaes Pharmacias.

Recompensa Nacional 16.600 fr.

QUINA LAROCHE
ELIXIR VINOSO

RECONSTITUENTE E FERRUGINOSO
Enfraquecimento, Doenças do Estomago
Febres Infecciosas, etc.

QUINA LAROCHE
Elixir Vinoso
FERRUGINOSO

Pobresa do Sangue, Anemia, Chlorosis,
Debilidade, etc.
PARIS, 23, rue Drouot, e Pharmacias.

NOVAS SORVETEIRAS TOSELLI

União apparesente da família.
Recompensação pelo Jury
da Exposição Universal de 1878.
Para obter a melhor e produzir o
sorvete mais delicioso e saudável,
deve-se usar a SORVETEIRA TOSELLI.
Esta sorveteira é a única que produz
um sorvete de primeira qualidade,
e que se conserva por muito tempo.
J. BUSTIN 1^{er}, 8, Boulevard de la Chapelle, PARIS

CUTIS DO ROSTO
— LAIT ANTEPHELIGIQUE —
O LEITE ANTEPHELIGICO
para se misturar com a água, dissipa
SARDAS, TEE CRENTADA
PINTAS-RUBRAS, BORRULHAS
ROSTO SARABULENTO
E FARMACIA
RUGAS

Académie de Médecine de Paris
REZZA
Eau Minérale Acidule Ferru-
gineuse — Cette Eau est sans
rival dans le traitement des
Gastralgies, Chloroses,
Fiebres, Anémie, et toutes les Maladies
provenant de l'appauvrissement du sang